

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES (IARTE) GRADUAÇÃO EM
TEATRO

JÚLIA COSTA

Dramaturgia em Cena: estudo a partir de “Uma mulher Vestida de Sol”
de Ariano Suassuna.

Uberlândia MG 2026

JÚLIA COSTA

Dramaturgia em Cena: estudo a partir de “Uma mulher Vestida de Sol”,
de Ariano Suassuna

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Curso de Teatro, da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito para a obtenção do grau de
Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Humberto
Martins Arantes

Uberlândia MG 2026

Às mulheres de minha família,
exemplo, bonança e tempestade em meu
percurso.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, minha mãe, meu irmão e minhas tias.

A Gabriela e Raquel pelo carinho e pela voz emprestada.

Aos meus amigos, família, em meu percurso de vida.

A direção atenta e carinhosa de Maria Eugênia.

Ao meu orientador Luiz Humberto Martins Arantes.

A banca examinadora composta por grandes mulheres,
Irley Machado e Daniele Pimenta.

RESUMO

O presente trabalho consiste no estudo da obra *Uma Mulher Vestida de Sol*, do escritor, poeta e dramaturgo Ariano Suassuna. A pesquisa realiza uma análise aprofundada da dramaturgia, de seus personagens e dos elementos que estruturam a narrativa, bem como das referências que influenciaram sua construção.

Além da investigação teórica, a pesquisa também contempla a criação e a montagem de uma cena inspirada na peça.

A partir do estudo, da obra realizou-se uma releitura dramática na qual foram inseridos textos autorais com o objetivo de readaptar o texto e encená-lo sob uma perspectiva feminina.

Palavras-chave: Ariano Suassuna; Dramaturgia; Memória; Recriação; Cena

ABSTRACT: This study examines *Uma Mulher Vestida de Sol*, by the Brazilian writer, poet, and playwright Ariano Suassuna. The research provides an in-depth analysis of the play, its characters, and the elements that structure its narrative, as well as the references that influenced its creation.

Based on this analysis, a theatrical deconstruction of the play was carried out, in which the researcher incorporated original texts with the aim of reinterpreting the dramaturgy from a female perspective. In addition to the theoretical investigation, the research also included the creation and staging of a scene inspired by the play.

Keywords: Ariano Suassuna; Dramaturgy; Memory; Recreation; Scene.

SUMÁRIO

Apresentação – memória	8
Uma Mulher Vestida de Sol – a obra	13
Sinopse - A história	15
Primeiro Ato –	17
Segundo Ato -	21
Terceiro Ato -	24
Os personagens	27
A recriação cênica	31
A recriação do texto dramático ou uma nova dramaturgia	36
Meu diário	39
A Carranca	42
Consideração finais	52
Referências	53

Apresentação: memória

Quero apresentar a vocês onde tudo começou. Dedico este capítulo à minha trajetória de vida. Sou natural de Marília, uma cidade localizada no interior de São Paulo e lá passei a minha infância e o começo da minha fase adulta.

Na casa de minha infância, em Marília, viviam: meu avô, Edilson, natural de Guarabira – Paraíba; minha vó Edileusa, de Garanhuns – Pernambuco ; minha mãe Ana Cláudia, minha tia Ana Paula e meu irmão Thiago, naturais de Recife além de minha prima Bárbara Guedes.

Este contexto familiar aconteceu na maior parte da minha infância. Nessa fase da minha vida coisas do cotidiano deixaram seu registro de forma indelével; foram os bolinhos de chuva sobre a mesa nos fins de tarde preparados por minha avó, que adorava tricotar em frente a televisão, tomando vinho, e cozinhava todos os dias. Lembro de comer muito cuscuz com leite no café da manhã ou na janta, também havia rabada e, em alguns dias, buchada. Eu e minha prima Bárbara preparávamos pequenas cenas para mostrar a família: eram apresentações de dança. Havia ainda as idas do meu avô a feira. Por vezes ele trazia uma família de coelhos para casa. Numa ocasião trouxe dois filhotes de poodle, uma para mim e outro, para minha prima Bárbara, quando o acompanhávamos, colocávamos os cachorros dentro do Fusca e seguíamos viagem.

Havia um sentimento genuíno de felicidade nos passeios que fazia com minha mãe: íamos ao cinema, ao circo, e ao teatro. Minha vó vinha me chamar para que eu me arrumasse porque minha mãe me levaria ao teatro. Era mágico esperar na fila, descer as escadas até as poltronas, ver as luzes que iluminavam o palco e principalmente os atores. Eu ficava encantada com a magia que era transmitida e invadia toda a plateia. Sonhava com a mágica que seria ocupar aquele lugar e sentia uma vontade imensa de participar. Quando tudo acabava voltávamos para casa conversando sobre o que tínhamos visto, sentia como se tivesse ganho um presente, e falava entusiasmada. Naquele momento, eu não sabia que aquilo era algo possível de se fazer. O teatro parecia para poucas pessoas, escolhidas por Deus, ou por algo divino, por dom, magia ou algum poder especial. Naturalmente, não deveria pertencer as pessoas comuns como eu, seria demais para uma menina que sonhava em ser veterinária, já que os animais sempre foram a minha maior paixão. Mas, não me importava que aquilo não me pertencesse. Percebi que o teatro era algo possível para mim, ao fazer minha primeira aula: eu estava com 13 anos e recordo a sensação

que tive ao sair da aula, era a mesma de quando assistia teatro. Me senti pertencendo ao meu mundo – um lugar em que os meus sonhos encontravam morada. Descobri que aquela sensação me acompanharia sempre nas aulas de teatro, na coxia, ou naqueles breves instantes de “tormento” antes de entrar em cena.

Meu irmão me apresentou o universo do desenho, da música e do circo. Recordo de assistir algumas apresentações de pirofagia exibidas por ele e de ouvir de fora de seu quarto muita música. Nação Zumbi e o famoso Maracatu Atômico, estavam entre suas preferências, deixando marcadas em mim as batidas de maracatu e o refrão que até hoje soa para mim, enigmático, quase como um mantra: Anamauê, auêia, aê! Ao ouvir, é como voltar no tempo e escutar, fora do quarto, aquela batucada, ainda tão viva. Naquela época, eu não fazia ideia do que aquilo significava. Hoje, conhecendo a discografia da banda, entendo a afinidade do meu irmão com o grupo. Chico Science & Nação Zumbi, dentro do movimento manguêbeat, propuseram, um diálogo entre passado e futuro, misturando maracatu à tecnologia musical promovendo uma renovação cultural sem perder as raízes. Nascido em Recife, mas criado em Marília, no interior de São Paulo, ele encontrou na música uma forma de manter vivas suas origens enquanto construía sua identidade.

Cordel do Fogo Encantado (grupo musical de Arcoverde, sertão de Pernambuco) e Comadre Florzinha (grupo musical de Recife – Pernambuco), além dos Racionais MC's, com quem ele se identificava, participaram de sua trajetória:

Através da música, ele cultivou sua origem, mas a vivência em outro estado, também o formou como pessoa. E eu herdei muito dele. Tenho orgulho de gostar de desenhar e ter conhecido a música de que ele gostava. Me sinto como alguém que carrega uma mistura única. É um privilégio ter sido perpassada por essas referências.

Minha infância foi marcada por costumes de uma cultura que, embora não seja originalmente a minha, sempre esteve presente ao meu redor. Quando meus avós saíram de Recife e foram para São Paulo, também foram transformados por essa travessia e, por consequência, transmitiram essa mistura às gerações seguintes. Trata-se de um encontro de mundos: um deslocamento que carrega consigo um forte choque cultural, mas que, ao mesmo tempo, produz novas formas de existir, onde um pouco de cada lugar permanece vivo no outro.

Em minha trajetória preciso recordar o início e o percurso no teatro. Naquela casa em que passei a infância e onde eu e minha prima brincávamos de interpretar, eu tinha a mania de imitar as pessoas da família. Eu imitava a minha avó, minha irmã, minha mãe e às vezes alguns

amigos da minha mãe. Eram pessoas que tinham algo em comum: manias, personalidades fortes, ou algum outro comportamento que se destacava. Naquela época, era apenas uma brincadeira de criança, mas o inconsciente já se manifestava em sonhos: eu não sabia que mais tarde gostaria de atuar ou que seria algo que seguiria como profissão. Aos meus 13 anos a minha mãe me matriculou num curso livre de teatro, onde encontrei um espaço em que me sentia à vontade: já no primeiro dia parecia que aqueles colegas de cena estavam ali há muito tempo. O teatro me resgatou de um solitário universo só meu, e me permitiu expressar todos os sonhos que eu sonhava sozinha: os personagens que eu mostrava só para mim, ia emprestando-lhes um pouco de mim e também me deixando ser afetada por eles. Quando comecei a fazer teatro nunca mais parei.

Em Marília, passei por algumas escolas. Comecei no Teatro da Cidade, um projeto idealizado pela Secretaria de Cultura, e depois passei pelo Sesi. Lá, fiz teatro por seis anos e onde mais me desenvolvi. Nessa fase, além das aulas, adquiri o costume de assistir a peças todos os finais de semana na programação oferecida pelo Sesi graças ao projeto “Viagem Teatral”. Ali, assisti à muitas peças boas e costumo dizer que aprendi muito sobre teatro. Quando se assiste teatro cria-se uma inteligência cênica, e desenvolve-se uma percepção mais clara sobre o fazer teatral. Ao fazer teatro pode-se encontrar alguma dificuldade — no improvisar, na leitura e na compreensão do personagem —, mas, sempre se pode buscar na memória algo que se assistiu e que dialoga com aquilo que se está criando.

No Sesi, passei por diferentes núcleos do curso de teatro. Comecei pelos cursos iniciais, que tinham duração média de um semestre. Perto dos meus 18 anos, o Sesi abriu um núcleo chamado “Múltiplas Linguagens”. Era um curso com uma carga horária maior, dividido em dois semestres e finalizado com uma temporada de oito apresentações. O módulo do curso consistia em estudar uma dramaturgia já existente ou criar uma própria, e ao final, realizar a temporada de apresentações. Ao término de cada processo, também aconteciam encontros entre os outros NACs (Núcleos de Artes Cênicas) de cidades próximas a Marília, como Birigui, Araraquara e Franca. Esses encontros tinham duração de três dias. Neles, os grupos se misturavam: para criar cenas e participar de dinâmicas. Cada cidade apresentava o trabalho que havia montado ao longo dos meses. Após cada apresentação acontecia um bate-papo. Nesses três dias, trocávamos experiências distintas sobre atuação, política e afinidades. Depois de toda essa troca era o momento de comemorarmos. Hoje, lembrando aquela época, entendo que a alegria acontece nos raros momentos em que nossas realizações nos encham de satisfação.

Do Sesi, vim para a UFU. Durante o curso vivi diversas experiências em atuação: passei pela Commedia Dell’arte, teatro popular, teatro de máscaras, circo, palhaçaria, comédia e

drama. Ainda na graduação, em uma disciplina que chamamos de Atuação em Narrativas, escrevi um texto a partir de uma história de minha mãe: A história relatava o momento em que minha avó descobriu, por meio de uma carta anônima, que meu avô teve um filho fora do casamento. A essa cena dei o nome de “Arrudeio”, expressão usada por minha avó quando se zangava. A expressão significa: dar muitas voltas no mesmo lugar. Nessa cena, de forma narrativa, misturada à construção de personagem, contei a história que, pessoalmente, me parece um tanto inusitada, embora real. A cena por mim criada terminava com um telefonema do filho de meu avô Edilson, Marcelo, 21 anos depois, exatamente como acontecera na época.

As fases que passei pelo teatro me ‘esboçaram” como atriz, pois não tenho interesse em ser um desenho pronto. Pretendo me aprimorar continuamente, descobrindo as minhas afinidades: a comédia, por exemplo, experimentada na graduação e me rendeu bons resultados. Mas o drama também me instiga, razão de minha escolha para este trabalho. Ao me encaminhar para o final do curso, passei a refletir sobre minha trajetória e percebi que não queria concluir a graduação sem estar em cena. Era importante marcar a finalização de um ciclo tão significativo, com algo que dialogasse diretamente com o que desejo para minha vida: estar em cena.

A história de minha família sempre esteve presente, de alguma forma, em meu imaginário. Assim, quando conheci Recife, entendi o porquê. Conheci Recife com minha mãe, pela primeira vez em 2019. Nessa viagem encontrei sua família, suas primas e suas tias. Descobri as histórias que viveu e os lugares significativos para ela: a praia de Boa Viagem, o Marco Zero, o Recife Antigo, o museu Cais do Sertão, Olinda, e etc. Às vezes falham-me os detalhes dessa viagem, mas pela primeira vez materializou-se em mim as histórias que minha mãe me contava, os lugares em que ela passou sua juventude e o que viveu lá.

Em minha segunda ida à Recife, em 2023, conheci o carnaval sendo impactada por aquela cultura. Tudo naquele lugar é muito vivo, as pessoas, as cores, a música. Nas ruas a vida corre. A festa é como um ritual sagrado, o que não deixa de ser : os blocos carregam história. As lendas e figuras esotéricas, como o Homem da Meia Noite, o Cabloco de Lança, e os bonecos de Olinda, estão presentes. O maracatu, o frevo - ritmo musical e dança - que se originou em Recife e também protagoniza o Carnaval de Olinda, aparecem e se concentram também na região do sertão Pernambucano. De fato, Recife brinca o carnaval de maneira única, talvez, uma das épocas mais importantes para o povo Recifense. Em minha opinião Recife produz um dos maiores carnavais do Brasil e pessoalmente acredito que também seja o melhor já visto. Algo em Recife trouxe de volta a minha vontade inicial de materializar, em termos de teatro , toda essa cultura ligada à minha família.

Naquela de 2023 comecei a observar tudo à minha volta: a cidade, as pessoas, os lugares,

o chão. Refleti muito sobre o lugar que eu estava e onde quem me deu à luz, viveu, e se criou. Há muitas histórias de carnaval envolvendo meu avô, buscado diversas vezes pela minha avó, que subia as ladeiras estreitas de Olinda, para encontrá-lo e leva-lo para casa. Meu avô amava esperar a saída do ‘Homem da meia noite’ (bloco carnavalesco que deu origem ao boneco, com cerca de quatro metros de altura, uma figura sorridente, envolta em mistérios e rituais próprios. No dia 2 de fevereiro de 1932, data dedicada a Iemanjá, foi quando o Homem da Meia Noite desfilou pela primeira vez na tradicional folia, sendo o mais antigo boneco gigante de Olinda. Essa é uma das inúmeras histórias que minha família conta.

Em 2023, eu não sabia exatamente o que eu gostaria de materializar. Na época estava lendo um livro do Carneiro Vilela *A Emparedada da Rua Nova*. Trata-se de uma lenda urbana recifense que deu origem ao livro e conta a história de um amor proibido: o pai por ciúmes da filha a empareda viva. Encontrei esse livro casualmente em um blog na internet chamado Recife Mal-assombrado, página dedicada a lendas urbanas de Recife, onde o grupo realiza visitas a casarões e de forma teatral conta histórias das lendas. Na época, pensei em realizar a montagem de alguma cena do livro, mas pela complexidade do enredo, abandonei a ideia. Nessa história, encontrei algo interessante: uma história de amor que terminava em tragédia. Não imaginava que, tempos depois, ao ler *Uma mulher vestida de sol* encontraria o tema de um amor proibido e uma guerra dentro da própria família cujo desfecho trágico, despertaria em mim o interesse em levá-la à cena.

A ideia do que montar em cena já começara a aparecer. Sem saber por qual caminho seguir, apresentei a ideia de pesquisar sobre o teatro popular de Pernambuco, ao orientador, abandonando a ideia de montar o texto da *emparedada* mas sem descartar a temática. Comecei a pensar em histórias que dialogassem com a história de um amor proibido, cogitei em fazer o clássico *Romeu e Julieta* de *William Shakespeare* e transpor essa tragédia para o sertão nordestino, assim faria uma adaptação na dramaturgia. O orientador me direcionou para a obra de Ariano Suassuna, cujo autor traz, na maioria das suas obras, o sertão como cenário, além de elementos religiosos com forte inclinação ao catolicismo. Antes de começar por alguma de suas obras e escolher qual eu gostaria de trabalhar, li o livro *A influência do Teatro Medieval e Vicentino na obra de Ariano Suassuna* escrito por Irley Machado. Na obra pude entender melhor as referências de Suassuna ao criar sua dramaturgia. Além, das histórias populares, contadas pelos folhetos de cordel o autor se debruçou nas investigações de imagens e na literatura medieval e em Gil Vicente. O autor usa dos mesmos procedimentos em sua criação. De maneira cômica ou trágica Suassuna não fixa limites entre o sobrenatural e o real. As superstições e crenças do cotidiano emprestam magia para criar seus elementos dramáticos.

Quando cheguei ao capítulo *A morte libertadora!* a autora cita a peça de Suassuna *Uma Mulher Vestida de Sol* e a aproxima do *Romeu e Julieta*, de Shakespeare pois em ambas tem o desfecho trágico dado pela presença da morte. Ariano adaptou para o teatro uma versão conhecida no Nordeste e que pertence ao folheto de cordel de João Martins de Athayde intitulado *O romance de Romeu e Julieta*. Novamente me deparei com a história que eu gostaria de trabalhar, procurei na biblioteca *Uma mulher Vestida de Sol* e resolvi ler a obra.

Uma Mulher Vestida de Sol – a obra

A tragédia em *Uma Mulher Vestida de Sol* é a primeira peça escrita por Ariano Suassuna em 1947. Na época Suassuna era integrante do TEP (Teatro do Estudante de Pernambuco) tendo à frente Hermilo Borba Filho, Joel Pontes, Gastão de Holanda, Genivaldo Wanderley e Aloísio Magalhães. O grupo tinha como atividades levar o teatro ao povo, ocupar centros operários, teatro suburbanos, pátios etc; pesquisas e estudos das dramaturgias universais, observação dos espetáculos populares da região; estimular uma criação de uma literatura dramática fixada em raízes brasileiras, especialmente as raízes nordestinas. O TEP mobilizou artistas, intelectuais e estudantes de todas as áreas. Suassuna encontrou um terreno fértil que o permitiu descobrir-se a como dramaturgo. Sua primeira peça *Uma Mulher Vestida de Sol*, obteve o primeiro lugar em um concurso de âmbito nacional promovido pelo TEP (Prêmio Nicolau Carlos Magno, patrocinado pelo escritor Paschoal Carlos Magno, fundador do Teatro do Estudante do Brasil). Nesse período que vai de 1947 a 1954, Suassuna se dedicou a escrever tragédias: *O Desertor de Princesa*, reescrita em 1958; *os homens de Barro*, em 1949; *Auto do João da Cruz*, que recebeu o Prêmio Martins Pena, da Divisão de Extensão Cultural de Pernambuco em 1950, e *O Arco desolado*, com menção honrosa no concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954. Nesse período as obras de Suassuna se caracterizavam pela influência dos clássicos ibéricos, como Lope de Vega, Calderón de la Barca e Gil Vicente, e conciliam com temas e formas no romanceiro popular nordestino.

Suassuna define o sertão nordestino como “talvez a terra mais trágica do Brasil”. *Uma Mulher Vestida de Sol* foi reescrita dez anos depois enfatizando a atmosfera de amor e violência que une elementos como sangue, honra e família, de sua primeira versão.

Uma Mulher Vestida de Sol nos dá muitos elementos trágicos a começar pelo trecho do Apocalipse; os cantos fúnebres em tom poético e Suassuna conserva em sua obra a característica

popular, brasileira e barroca e as unindo cria uma atmosfera sobre o amor e morte; o real e o mítico a tratar sobre um problema sertanejo sem um viés político declarado pois se trata de uma questão humana com a sua verdade social e que por sua vez se torna político.

O drama que percorre a narrativa são dramas estritamente humanos, por isso se tornam tão trágicos pois não é cabível atribuir julgamento moral em cima dos personagens, assim os dramas que percorrem Rosa e Francisco – sobre a relação de um amor proibido, Antônio e Joaquim – sobre a luta das terras; etc. Dentro da imensa tragédia sertaneja, a luta do homem com a terra ressequida pelo sol.

Por isso Ariano Suassuna se interessa tanto por essa passagem em *Uma Mulher Vestida de Sol*: ela já possui naturalmente uma estrutura trágica, poética e mítica, muito próxima do universo simbólico do sertão que ele constrói.

“Na entrevista dada por Ariano Suassuna, em 1948, ele justifica as razões de sua criação, vindo a fortalecer nosso desejo de trabalhar com seu texto. O autor declara:

“... O que fiz foi tomar um romance popular do sertão e tratá-lo dramaticamente, nos termos da minha poesia – ela também filha do romanceiro nordestino e neta do ibérico. O romance escolhido foi a História de Mariquinha e de José de Souza Leão – de autoria de João Ferreira Lima. Conhecia-o em duas versões. A que preferi foi de uma que eu ouvi pequeno em Taperoá. A história é simples e trágica: um coronel, enciumado do amor da filha por José de Souza Leão, mata-o, sendo morto por sua vez pelo pai do herói. É uma das histórias que se cantam nas feiras, cada uma delas um esboço de drama. Procurei conservar na minha peça o que há de eterno, de universal e de poético no nosso riquíssimo cancioneiro onde há obras-primas de poesia épica, especialmente na fase denominada do pastoreio. Minha maior alegria seria ver o meu drama representado para o povo – vê-lo voltar à sua origem. Porque na verdade muito pouco interessa o indivíduo, aí. É o povo o criador e procurei somente deixar-me impregnar do profundo sentimento poético do povo do sertão – talvez a terra mais trágica do Brasil.”

Sinopse:

Uma Mulher Vestida de Sol pode ser lida como a história de um amor proibido, que se mantém em meio a uma guerra entre os personagens da própria família que cercam o casal Rosa e Francisco. A peça constrói uma atmosfera marcada tanto pelo amor, a violência e a morte. O eixo condutor da narrativa é a luta dos homens pela terra. Esse conflito, antigo na história da humanidade, ganha uma força maior quando situado no sertão nordestino, que o próprio autor define como “talvez a terra mais trágica do Brasil. Trata-se de uma terra que, mesmo queimada de sol, não permite torres de marfim, pois exige mais do que oferece”. A disputa pela terra constrói como plano de fundo outro embate fundamental da história: o amor entre Rosa e Francisco.

Na peça, há ao todo 16 personagens, e todos contribuem para a condução da narrativa, mesmo os personagens que não estão no centro do conflito são arrastados para o fim trágico do enredo.

O conflito central se dá pela disputa entre os cunhados: Joaquim Maranhão e Antônio Rodrigues. Joaquim se apossou das terras de Antônio e construiu uma cerca para proteger a terra da qual se apropriou. Antônio deseja recuperar suas posses ou fazer um acordo sobre elas. Antônio é um agricultor honesto e justo, casado com Inocência a irmã de Joaquim e pai de Francisco. Inocência é, portanto, tia de Rosa. Rosa e Francisco são primos e estão enamorados, o que intensifica ainda mais o conflito entre as famílias. Joaquim cria gado, e é conhecido pela sua personalidade impiedosa e dura, pai de Rosa, cujo romance com Francisco, os arrastará para o final trágico. Aqui se evidencia a complexidade da situação vivida pelos personagens, o conflito extrapola a esfera territorial e se insere no âmbito familiar. O amor de Rosa por Francisco é considerado pelo Joaquim como uma traição, ao próprio sangue, tornando-se um elemento central.

A peça inicia com a proclamação sobre as terras, feita pelo Juiz, acompanhado pelo delegado. Juntos, formam a dupla que introduz certo alívio cômico à narrativa. Enquanto o Juiz impõe sua figura autoritária, o delegado apenas o segue. Nesse momento, somos apresentados ao conflito pela terra e às possíveis consequências dessa disputa, caso Antônio ou Joaquim decidam invadir as terras um do outro.

No início da história, Francisco está desaparecido, e são levantadas hipóteses sobre seu desaparecimento: terá sido morto, tornou-se cangaceiro ou fugiu com o circo? Rosa, por sua vez, sofre com a ausência do amado, mas mantém a esperança de seu retorno. A tensão se intensifica,

pois o conflito entre as famílias já estava estabelecido. O possível retorno de Francisco e a consequente relação com Rosa, pode acentuar o clima de disputa, e encaminhar para o final trágico.

Os proprietários possuem capangas, para proteção das terras. Manuel e Caetano, vigiam a cerca de Antônio contra uma possível invasão de Joaquim, enquanto Martim e Gavião são responsáveis por impedir a invasão da propriedade de Joaquim. No entanto, esses personagens não se limitam à função de guardas: eles também desempenham papéis simbólicos na condução da narrativa. Manuel, por exemplo, é conhecido por cavar covas e realizar enterros, possuindo inclusive uma canção associada à sua função, o que reforça a atmosfera trágica da obra. Veja-se:

Manuel :

Sou Manuel do Rio Seco
Nascido em Taperoá
Tanto canto quanto planto
Rezo, bebo e sei brigar.
Faça morte que eu celebro,
cavo e enterro quem pagar!

O personagem se revela em uma conversa com os capangas responsáveis pela vigilância das cercas. No diálogo, eles discutem a situação atual e medem forças com relação aos lados que escolheram. Manuel, um homem claramente acostumado à violência, acostumado a matar, confronta verbalmente os capangas de Joaquim, insinuando que eles seriam os primeiros a morrer na contenda e afirmando que realizaria seus enterros com orgulho.

Caetano, seu companheiro, complementa essa fala ao dar continuidade à canção, reforçando o tom macabro e antecipatório da tragédia que atravessa a narrativa, não sem um certo humor. O personagem enfatiza a fala de Manuel:

Caetano –
Nascido em Taperoá
é meu compadre Manuel
já enterrou trinta velhas,
moças de capela e véu.
Os defuntos que ele enterra, vão direto para o
céu!

Em um estilo próximo ao cordel, esses personagens apresentam o cotidiano dos homens que vivem na vigilância das cercas. Não há, portanto uma rivalidade entre os capangas ou razão

para se odiarem. Mesmo estando em diferentes lados do conflito eles conversam entre si, cantam e às vezes em tom de brincadeira medem forças sobre a atual situação. Durante as conversas os capangas, mencionam a casa de Joaquim, já marcada por uma morte. No entanto, o acontecimento é apenas insinuado, lançando uma suspeita sobre Joaquim. Este criou a filha com o auxílio da avó: Donana. A avó assumiu a função materna na vida de Rosa. A ausência da mãe de Rosa e a suspeita de seu assassinato pelo marido cria um clima ainda mais tenso, revelando a personalidade violenta de Joaquim.

Os dois capangas de Joaquim, seus primos distantes, movidos pela fome e pela pobreza, aceitam assumir a segurança de suas terras.

O capanga Martim, apaixonado por Rosa, sem sem correspondido, tomado por sentimentos de ódio e ciúmes, encontra razão para matar Francisco, o que intensifica sua postura violenta e reforça sua participação no desenrolar trágico da narrativa.

PRIMEIRO ATO

“Saquear, degolar, usurpar, a estas coisas dão o falso nome de Império.

E onde criam um deserto, eles o chamam de paz.”

Tácito

No primeiro ato, é apresentado o conflito central da narrativa: a disputa pelas terras. Enquanto outras informações importantes vão sendo construídas ao longo da trama, estabelecem-se os vínculos familiares. O conflito pelas terras, que só pode ser resolvido dentro de uma lógica de honra na qual a lei imposta pelos homens é a de não trair o próprio sangue. Mesmo sendo todos parentes, a partir da disputa pelas terras, a lógica desaparece.

Ainda no primeiro ato, vemos as investidas românticas de Martim em direção a Rosa, que o trata com indiferença. Martim observa seu distanciamento em relação às outras pessoas, vivendo isolada à espera de Francisco. Martim intui que o retorno de Francisco causaria uma grande tragédia. Rosa, magoada com a abordagem, deixa perceber a dinâmica estabelecida entre os dois personagens.

No diálogo entre Rosa e sua avó, Donana, surge a figura da mãe de Rosa, descrita como uma mulher que ninguém conseguia olhar diretamente. É Donana que lembra “era como uma onça ou como um sol”, descrevendo-a como uma mulher que possuía um jardim repleto de rosas e papoulas vermelhas e que usava vestidos da mesma cor. Parecia-se com Rosa fisicamente, mas, diferentemente da filha, era alegre e intensa “como o fogo”.

Nesse ato aparece a figura de Cícero, personagem profundamente ligado à religião, evidenciando o forte apelo ao catolicismo presente em *Uma Mulher Vestida de Sol*. Sua primeira fala na peça surge como uma saudação: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”, à qual Manuel responde: “Louvado seja o Seu santo nome!”.

Essa saudação existe em diferentes contextos culturais nordestinos. Num relato de Luiz Gonzaga, o artista conta que, ao retornar para casa, após um período de vida no Rio de Janeiro, antes entrar, gritava: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”, recebendo do pai a resposta: “Para sempre seja Deus louvado!” Luiz Gonzaga conta que o pai estaria zangado com ele devido sua longa ausência, mas ao responder a saudação é como se aceitasse o retorno do filho: se o pai não respondesse, Luiz Gonzaga não poderia entrar na casa.

Essa expressão funciona como uma saudação cristã que simboliza devoção e louvor ao Senhor. Em contextos religiosos, também pode carregar a ideia de bênção e pertencimento espiritual, tornando-se uma forma de expressar a identidade religiosa de um indivíduo. Nesse caso, com o personagem Cícero, não seria diferente. Ele é apresentado como um homem velho, que caminha com um cajado e carrega rosários — objeto religioso utilizado nas orações da Igreja Católica. Pessoalmente, enxergo Cícero quase como um oráculo: um indivíduo movido pela fé e pela busca da paz, cujas palavras e conselhos inspiram confiança. Ele carrega consigo uma sabedoria capaz de prenunciar as tragédias, como se compreendesse a ordem natural dos acontecimentos e os caminhos inevitáveis do destino. Essa característica pode ser percebida no diálogo entre Joaquim Maranhão e Cícero:

Joaquim – A situação está ruim, talvez pior hoje e quero estar seguro de tudo.

Cícero – Ninguém pode estar seguro de nada, num mundo e num tempo como estes.

Joaquim – O quê?

Cícero – Não se pode estar seguro nem na vida nem na morte. Às vezes, vive-se muito tempo, outras morre-se moço, sem que ninguém saiba por quê.

Joaquim, acredita conseguir manter a ordem por meio da violência e da autoridade. É um ser que deseja controlar tudo e todos, capaz de tomar atitudes extremas para defender sua terra e sua filha. O personagem ignora que suas próprias ações, somadas à situação de guerra

instaurada no enredo, serão responsáveis pela desordem que se estabelecerá.

Os personagens, cada um movido por diferentes motivações, estão constantemente tentando fugir do próprio destino. Antônio e Joaquim buscam proteger suas terras, sem compreender que as tragédias anunciadas ultrapassam qualquer disputa territorial.

Dois acontecimentos marcam o final do primeiro ato: a morte de Neco, um menino retirante acompanhado de seus pais Inácio e Joana, que fugiam da fome, da miséria e da seca, no caminho da procura do Juazeiro. Ao parar em frente a casa de Joaquim pedindo um prato de comida, Neco, ao tentar alcançar um favo de mel de uma árvore, apoia-se na cerca de Joaquim sendo morto por ele a tiros, enquanto Francisco chega pela estrada.

Nesta cena, podemos perceber a frieza de Joaquim ao atirar, sem hesitação, em um menino, julgando que ele estaria derrubando a cerca. Observa-se a crueldade de Joaquim que afirma que o enterro ficará por sua conta e diz que, se Inácio — pai do menino — quiser, ele poderá indenizá-lo pela morte do filho.

Gavião e Martim, os dois capangas de Joaquim, lamentam a morte de Neco. Eles questionam como alguém inocente poderia morrer de maneira tão brutal e demonstram indignação diante da oferta de Joaquim em oferecer dinheiro a Inácio. Aos poucos, percebem que a terra pela qual estão brigando parece amaldiçoada.

Um clima trágico começa a se configurar: tristeza, morte e vingança, virá pelas mãos de Inácio, que voltará para cobrar a morte do filho. A vingança de Inácio fará sentido ao final da história, quando Joaquim pagará por seus atos.

Francisco, que acaba de chegar, não quer ver seus pais e segue para o cercado. Antes de partir, pede a Manuel que cave uma cacimba —até atingir um lençol de água subterrâneo; poço ou cisterna. Manuel e Caetano preveem o pior com a volta de Francisco. Eles acreditam que ele retornou para brigar.

Um pouco antes do fim do primeiro ato Inocência e Donana conversam sobre a atual situação, elas, proibidas de conversarem, lamentam e esperam o pior dessa guerra fratricida. E lamentam que o laço familiar tenha se rompido por conta de uma disputa territorial. Inocência prevê a morte do seu marido Antônio e teme pela vida do filho Francisco. As mulheres sofrem e choram antecipando as dores criadas pela situação, ganância e cegueira dos homens.

No final do primeiro ato, Antônio Rodrigues e Joaquim Maranhão se enfrentam. No diálogo fica claro que o gado de Joaquim Maranhão foi ocupando as terras de Antônio que não estavam cercadas. A terra propícia ao pasto, herdada por Antonio de seu pai, pode possibilitar um acordo. Assim, ele se dispõe a negociar, renunciando ao pedaço de terra que Joaquim cercou,

por conta do avanço do gado. Antônio aceitaria o acordo contanto que Joaquim lhe cedesse uma parte equivalente das terras dos baixios — terras próprias para o cultivo de algodão e milho, interessante para a plantação de Antônio. No entanto, Joaquim se mostra relutante em relação ao acordo.

Antônio pede que procurem Francisco, em vista da delicada situação gerada pelos conflitos. Francisco deveria conseguir preservar as terras de seu pai, quando elas estivessem em seu nome.

Porém, a tragédia que se constrói em *Uma Mulher Vestida de Sol* surge justamente quando os personagens enganam a si mesmos, fugindo do próprio destino e tomando decisões e caminhos que os fazem acreditar que seus movimentos os levam para longe daquilo que os aguarda. É o caso de Francisco, que acredita que a briga sucedida na história não lhe trará consequência alguma; ou que, de alguma forma, esse conflito não tem relação com ele; ou ainda que viver seu amor com Rosa será capaz de libertá-los da morte.

O primeiro ato termina com a seguinte fala de Manuel, que, de forma trágica e quase como um anúncio do destino da peça, ele nos prepara para os acontecimentos violentos e inevitáveis em *Uma Mulher Vestida de Sol*.

Manuel – Enfim, a noite desce já, o escuro já está cobrindo tudo. Eita, noite velha! É a hora em que tudo acontece; a morte, o sono, tudo o que esquento o sangue e escurece a cabeça. O dia acaba e a noite chega, mais esquisita ainda depois de um sol como esse que nos deixou, depois de uma morte como essa que sucedeu. Assim, é melhor ficarmos preparados para tudo: com um começo como o de hoje, tudo pode acontecer. Ninguém está livre de nada, nesse mundo em que se vive nem se morre de graça.

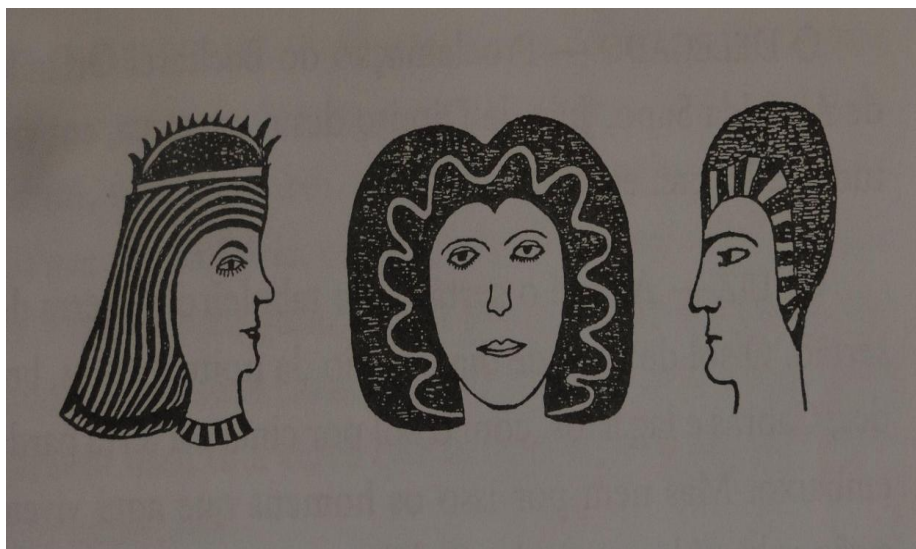
Quando Manuel diz “a noite desce” e “é a hora em que tudo acontece”, a noite deixa de ser apenas um elemento natural e passa a simbolizar o perigo e o desconhecido, já que durante a noite não é possível enxergar direito. A frase “tudo o que esquento o sangue e escurece a cabeça” sugere a morte, no que “escurece a cabeça” sugere justamente o fato físico ligado a morte. E “tudo o que esquento o sangue” são os sentimentos extremos que movem os personagens como a raiva, vingança, desejo e impulsividade. Cria-se um elo entre os elementos da natureza e o destino. O “sol como esse” e “uma morte como essa” fazem parecer que o próprio ambiente sertanejo participa da tragédia. O calor, a seca, a poeira, a realidade dessa terra contaminam os personagens a violência influenciando a suas ações, aqui o sertão não é apenas um cenário, mas a força ativa sobre o destino humano.

O trecho final é talvez o mais importante:

“Ninguém está livre de nada, nesse mundo em que se vive nem se morre de graça.”

Aqui existe uma visão profundamente fatalista. Manuel entende que toda ação possui consequência e que ninguém escapa do peso do destino. Viver e morrer significa que sempre terá um preço, ou uma cadeia de acontecimentos conduzindo os personagens. Isso antecipa a lógica trágica da peça: a morte de Neco não ficará sem resposta, e o conflito pela terra inevitavelmente produzirá outras mortes. Essa frase do Manuel, quase como um presságio, nos prepara para a escala de violência da peça, assumindo uma função de coro trágico, comentando os acontecimentos e refletindo a condição humana que vivem esses personagens dentro desse universo brutal.

SEGUNDO ATO



A cena inicia com Gavião, Martim e Caetano conversando na cerca. Os três comentam a volta de Francisco e levantam hipóteses sobre os motivos de seu retorno e as possíveis consequências disso. Entram Antônio, Manuel e Inocência. Antônio verifica o local onde Francisco pediu para cavarem a cacimba e ordena aos homens que iniciem o trabalho. Inocência, tomada pela angústia e pela saudade, chora pela volta do filho, já que Francisco, ao retornar, não quis tomar a bênção dos pais. Antônio então tenta consolá-la.

No mesmo plano, Martim, já tomado pelo ciúme, declara não gostar de Francisco, e Gavião o lembra de que todos ali são do mesmo sangue, mas esses laços de sangue parecem

não valer nada, rebate Martim. Os outros capangas cavam a cacimba e chamam os demais para observá-la. Entre eles é possível perceber um traço de humanidade. Aquilo que os une é justamente a água — símbolo de grande poder no sertão nordestino. Nessa história, a água pode representar a possibilidade de cura, uma possível trégua entre os homens: água pura e limpa, capaz de levar embora até mesmo os piores sofrimentos.

Joaquim e Antônio conversam. Joaquim insinua que Antônio planejou a volta de Francisco. Francisco aparece, e os três passam a discutir a situação atual. Joaquim, sempre em tom ameaçador, questiona Francisco sobre o motivo de sua volta. Francisco responde que não retornou por causa das terras. Antônio então deixa claro ao filho que está lutando pelas terras por causa dele, mas Francisco afirma que não as deseja, pois elas carregam mortes e sangue.

A fragilidade da relação entre pai e filho aparece. Joaquim se aproveita dessa fragilidade para conseguir o que deseja. Antônio sente-se traído ao ver o filho desdenhar aquilo que conquistou para ele. Como parte da herança familiar a terra deve passar de pai para filho.

A conversa se encerra entre Joaquim e Francisco, Joaquim com sua maldade saberá exatamente como encaminhar as coisas e usará o conflito de pai e filho ao seu favor.

A cacimba que estava sendo cavada por Manuel e Caetano começa brotar água, assim, os homens — Os capangas, Cícero e Francisco se reúnem para observar a cacimba com água. É o momento em que esses personagens esquecem a guerra por um bem comum — a água. A água surge como um símbolo capaz de regenerar ou celebrar o amor. A água surge como uma possível trégua na guerra entre esses homens. É o amor de Rosa e Francisco, que se promete na beira da cacimba, quando Francisco oferece a Rosa a água da cacimba como prova de amor. Ele também oferece um punhal dourado que pertenceu a seu avô e que ele teria oferecido à sua esposa como presente de casamento.

Francisco pega uma rosa do jardim da namorada e a planta. Os homens Cícero, Manuel e Caetano vão buscar as violas para cantarem e celebrarem a cacimba. Rosa aparece e conversa com Francisco. A conversa entre os dois é angustiada, os dois parecem pressentir a morte. A força do amor que os une faz, que os dois jurem ficar juntos sempre, mesmo que o pior aconteça. Rosa ao receber o punhal de Francisco como presente beija-o como um gesto de juramento.

O pacto entre Francisco e Rosa anuncia o que irá acontecer. O punhal que Francisco entrega a Rosa como juramento de amor e presente de casamento, é um presságio funesto: não se dá um punhal como anel de casamento. Ele promete: “quero que saiba que vou me casar com você mesmo que isto nos leve a morte.” () Os personagens parecem desafiar o próprio

destino.

Os homens na cacimba com suas violas cantam o Romance de Minervina:

-Ó de casa!

-Ó de fora!

Minervina, o que me guardou?

Eu não lhe guardei mais nada: nosso amor já se acabou.

Minervina tu te lembras das palavras que disseste?

Que a outro tu não amavas enquanto vida tu tivesse?

Minervina, tu te lembras daquela tarde de sol

Em que caíste em meus braços toda banhada de suor?

Na algibeira do capote

Trago um punhal escondido

Para matar Minervina que não quis casar comigo.

Na primeira punhalada

Minervina estremeceu,

Na segunda o sangue veio

Na terceira ela morreu.

Do céu me caiu um cravo

Na copa do meu chapéu:

Terá sido Minervina que vai subindo pr'o céu?

Vou me embora, vou me embora!

Eu daqui vou me ausentar.

Vou sair de mundo afora,

Vou morrer, vou me acabar!

Essa cantiga não é trazida de forma gratuita no enredo, trata-se de uma canção de amor e morte – os dois principais elementos presentes na obra. *A canção nos reenvia ao assassinato da mãe de Rosa que cantava esse romance no dia de sua morte.*

Na sequência Joaquim vê Rosa perto da cerca, ele percebe que Rosa esconde algo e a questiona. Ao reconhecer o punhal indaga em como ela o teria conseguido. Rosa mente. Joaquim pressentindo a relação de Rosa e Francisco ordena que ela vá para Espinhara. Rosa se desespera e sai a procura de Cícero e Francisco.

Joaquim manda chamar Antônio para dizer que aceitaria a trégua proposta inicialmente. Francisco está presente mas se abstém de opinar sobre o acordo, magoado pela antiga querela com o pai.

O acordo que Joaquim propõe é um movimento arquitetado para obter as terras de Antônio sem luta, já que Francisco deixou entender que faria um outro acordo. Joaquim sabe

que não tem razão. Foi ele que invadiu as terras de Antônio e construiu uma cerca na parcela da qual se apossou. Antônio aceita o acordo sobre as terras. As condições que se estabelecem determinam o que a cerca que divide as duas casas fica onde está, mas quem desrespeitar o limite passando para o outro lado estará sujeito a morte, sem direito a reclamações. Joaquim desconfiado da relação que começara a se estabelecer entre Francisco em Rosa, determina a proibição da passagem dos lados e, diz “quero dizer uma coisa a todos os dois: nossas famílias estão separadas para sempre”. O Juiz e o Delegado são chamados para as devidas medições e homologação do acordo.

Rosa se encontra com Francisco e conta que irá para longe: os dois decidem fugir, mas antes devem se casar a pedido de Rosa, pois fugir sem estar casada não estaria dentro das leis de Deus. O beato Cícero ao ouvir a conversa decide apoiar os dois jovens casando-os. Para que o casamento aconteça dentro das leis de Deus, Manuel e Caetano serão as testemunhas e os noivos juram dar-se em casamento diante de Deus.

Rosa atravessa a cerca para o lado de Antônio e os capangas Martim e Gavião veem a cena. Martim tenta passar a porteira e Francisco atira nele, que morre, antes pede que Gavião diga a Rosa que ele morreu por causa dela. Joaquim recebe a notícia e finge aceitar a morte do capanga sem nenhuma vingança. Gavião diz ao patrão que Martim tentara salvar Rosa que havia atravessado a cerca. Joaquim desconfiado dos movimentos da filha finaliza o segundo ato com a fala reveladora de sua crueldade:

Joaquim – Eu sei, quando ouvi o tiro, tive um pressentimento e fui logo ao quarto de Rosa. Estava vazio. Eu fingi não saber, para não prevenir os outros e me vingar melhor. Ela está com o filho de Antônio Rodrigues, você disse. É o mau sangue da mãe! Chame todo mundo. A madrugada sai já: Antônio não espera o ataque e deve estar desprevenido, porque acredita que respeitarei o acordo. Mas não mantenho palavra agora, que se trata de honra de minha filha. Chame todo mundo! Diga que se escondam em redor de minha casa, porque vou tomar minha filha de volta e aquele cachorro morre hoje, de qualquer jeito! ()

TERCEIRO ATO

O mesmo lugar. O Delegado sai da casa de Antônio e vai até perto da casa de Joaquim.

Após as devidas mediações das terras igualmente divididas entre Joaquim Maranhão e Antônio Rodrigues, o Delegado surge desesperado chamando pelo Juiz o alertando sobre a cena

que acabara de ver: a filha de Joaquim junto de Francisco, na casa de Antônio. Os dois já preveem o pior e o Juiz por sua vez diz: “Acho que a prudência é a rainha das virtudes; e, uma vez que o homem da guerra foge, a Justiça acompanha”. Os dois saem pela estrada, correndo.

Antônio toma conhecimento da presença de Rosa em sua casa e se previne no caso de Joaquim querer revidar. Pela estrada entra Inácio, o retirante que teve o filho morto por Joaquim. Ele volta para cumprir com sua vingança contra Joaquim. Inácio pede um rifle a Antônio, que nega, alegando existir uma palavra anterior de que ninguém mataria ninguém a não ser que a terra fosse invadida.

Antônio conversa com Rosa e Francisco para assegurar-se de que Rosa veio para as suas terras por vontade própria e que seria capaz de sustentar isso diante de seu pai. Cícero serve de testemunha de que os dois se casaram antes, dentro das leis da igreja. Antônio, por sua vez, abençoa o casal e Francisco, que estava ressentido com o pai pede desculpas sobre o suposto acordo que fizera com Joaquim, selando a paz entre pai e filho. Cícero, pressentindo a morte, sai pela estrada.

Aparentemente tudo parece correr bem, Rosa e Francisco conversam sobre a noite e os dois imaginam os filhos que terão. Rosa, ainda teme o pai.

Donana e Inocência conversam com Joaquim sobre o casamento de Rosa e Francisco. Joaquim enraivecido afirma que nunca mais verá a filha. Donana diz que tomará seu próprio caminho assim que amanhecer. Joaquim, une-se ao seu capanga Gavião para se vingar de Francisco. Gavião, tem interesse nessa vingança, pois seu irmão Martim foi morto por Francisco.

Joaquim e Gavião armam uma emboscada, para Francisco servindo-se de Rosa. Joaquim surge diante da filha enquanto Gavião a ataca por trás. Rosa grita por Francisco, mas recua ao lembrar que o estaria chamando para a morte. É levada para a sala de sua casa com uma arma apontada para sua cabeça, Francisco vê a cena, mas não consegue impedir.

Joaquim ameaça Francisco afirmando matar Rosa, caso ele tente recuperá-la. Ameaça-o garante que depois de matá-lo tomará suas terras como já fez antes. Joaquim usa o amor de Francisco contra ele, ao propor uma troca impiedosa: Francisco terá que escolher entre a vida dele ou a de Rosa. Francisco escolhe a vida de Rosa. Antes de morrer, Francisco pede a Joaquim para se despedir de Rosa.

Joaquim, engana Rosa sobre o acordo feito com Francisco. Ele diz a filha que aceitará seu casamento, desde que Francisco volte para a terra de onde veio, enquanto se informa sobre

a validade do casamento, prometendo deixá-la livre para viver com Francisco. Em troca, a terra ficaria para Joaquim. Rosa, acredita nas palavras do pai garantido que Francisco lhe dirá as mesmas coisas. Rosa encaminha-se para Francisco, que esvazia a carga do rifle e vem ao seu encontro. Ela pergunta a Francisco se tudo o que foi falado é verdade e ele confirma, mas diz estar indo embora e Rosa estranha a pressa, quando esse diz:

“Escute o que vou dizer, Rosa, e não se esqueça nunca do que ouvir. Nós tivemos tudo. Tem gente que passa a vida toda esperando o que nós tivemos e nunca consegue. Eu tive você e você me teve. Se você estiver grávida, a terra vai ficar para o menino, já que não pode ficar para nós.”

A fala carrega um tom de despedida anunciando o que acabara de acontecer, de que as coisas que foram ditas a Rosa são inverdades carregadas de vingança e manipulação. Rosa percebe a tristeza na fala de Francisco e não compreende a situação, mas aceita que ele fique longe por um tempo, assim, os dois se abraçam, e se despedem.

Rosa entra para casa. Francisco pede a Gavião para rezar antes de morrer e ser enterrado na cacimba que mandou cavar. O capanga atira em Francisco e Joaquim mata o empregado para não deixar testemunha.

Antônio Rodrigues vê seu filho morto e Joaquim mente dizendo: “Rosa quis voltar para casa, Antônio, e seu filho invadiu minha terra para retomá-la. Gavião correu para impedi-lo e Francisco matou-o. Eu então atirei em Francisco.

Enquanto é realizado o enterro de Francisco, Caetano chama Antônio para ver uma coisa, perto da cerca. Eles veem o rifle de Francisco descarregado, assim, o falso discurso de Joaquim é descoberto. Antônio e Caetano resolvem resgatar Rosa, que está trancada em seu quarto, mas Antônio não quer retirar sua palavra sobre o acordo firmado. Os dois chamam o retirante Inácio, que voltou em busca de vingança e lhe propõem ajuda para matar Joaquim, o que Inácio aceita.

Antônio pede a Inácio que entre nas terras de Joaquim e converse com Rosa para saber a verdade. Inácio chega à janela de Rosa e tenta arrombá-la. Rosa aparece pela janela, do outro lado da cerca Antônio chama por ela, e conta-lhe que Francisco está morto. Assim descobre-se a mentira de Joaquim.

Rosa, Inácio e Antônio decidem vingar-se. Rosa grita por seu pai que por sua vez aparece armado e percebe que caiu em uma armadilha. Joaquim morre com dois tiros.

Rosa, em sofrimento pelos acontecimentos do dia não aceita viver na casa de Antonio. Ela decide ficar na casa em que nasceu, cresceu e viu todos serem mortos, sua mãe, seu marido e seu pai.

Entregue à tristeza, Rosa caminha até o corpo de Francisco e sentindo-se culpada diz:

“Francisco! E você também, meu pai! Fui eu que matei todos dois. A um hei de me juntar, vingando, ao mesmo tempo, a morte do outro! Francisco! Ele me deu este punhal, foi a aliança de casamento que conheci. Um amor que começou desse jeito, como podia terminar senão assim? Então, com o punhal com que começou meu casamento, deve ele terminar. Francisco, já vou! Apunhala-se.

Rosa pede a Nossa Senhora que sua morte seja perdoada, enquanto o dia vai nascendo.

Acostumado a enterrar os corpos, Manuel canta:

Sou Manuel do Rio Seco,
nascido em Taperoá. Tanto canto como planto,
rezo, bebo e sei brigar.
Faça a morte que eu celebro, cavo
e enterro a quem pagar.

Cantiga reforçada por Caetano –

Nascido em Taperoá
É meu compadre Manuel.
Os defuntos que ele enterra
Vão direto para o céu.
Já enterrou mais de cem velha
Moças de capela e véu.

Suassuna seguindo os preceitos aristotélicos faz com que a ação aconteça em um só dia.
Tudo começa pela manhã e termina na madrugada seguinte.

OS PERSONAGENS

Os representantes da lei: O Juiz e o Delegado
Os contendores: Joaquim Maranhão e Antônio Rodrigues
Os capangas : Gavião, Martim, Caetano e Manuel,
O beato: Cícero
A família : Donana e Inocência
Os retirantes : Inácio, Joana e Neco
Os enamorados : Rosa e Francisco

Os representantes da Lei: O Juiz e o Delegado

O juiz e o delegado funcionam como alívio cômico na história. As figuras, que representam a autoridade, são, na verdade, artifícios irônicos que evidenciam o conflito pelas terras o que aparece na fala do juiz, ao citar Tácito: "*Ubi solitudinem faciunt, pacem appellant.*" ("Onde criam um deserto, chamam-no de paz.") A citação evidencia que a guerra nada mais é do que a própria miséria da qual eles tanto desejam fugir. Quando entram em cena homens armados, a vingança e a disputa por terras, o império que acreditam construir transforma-se em um deserto. Depois da guerra, nada resta.

Os contendores :

Joaquim Maranhão

O personagem é o grande responsável pela guerra. Sua presença funciona como o fio condutor da ação dramática. É ele que conduz a um final trágico todos aqueles que ousam atravessar o seu caminho. Dono de um comportamento patriarcal "hors norma" o personagem, impiedosos e cruel, tentou sempre conduzir e comandar todos ao seu redor. Seu suposto império foi erguido sobre sangue e vingança. Onde se planta veneno, todos colhem desgraça.

Antônio Rodrigues

O personagem embora justo e honesto se vê envolvido na trama urdida por Joaquim ao ter suas terras invadidas. Terras herdadas do pai e que evidenciam uma tradição. Ao defendê-las o personagem está honrando a tradição familiar. Apesar de sua tentativa de levar uma vida em paz realizando um acordo se vê obrigado a reagir à violência do outro. Suas ações são apenas uma resposta à violência sofrida.

Os enamorados:

Rosa

Rosa criada pela avó, sem presença materna vive solitária refugiando-se na natureza. Enquanto sonha com o amor e a o retorno de Francisco. Aprisionada numa casa em que não há amor, vive o controle do pai tirano e cruel. Ela vê em Francisco sua única possibilidade de salvação. É a personagem que mais sofre as consequências por desejar libertar-se das imposições do pai e, conseqüentemente, por não conseguir viver seu amor com Francisco. Corajosa leva esse amor às últimas consequências casando-se às escondidas e suicidando-se para cumprir a promessa ao amado assassinado por seu pai.

Francisco

Francisco é o jovem enamorado de Rosa, seu primo, após um período de afastamento, sem que se saiba a razão, retorna à casa. É filho de Antônio Rodrigues e dotado de um espírito livre. Francisco vê-se profundamente ligado a Rosa. Sua decisão de permanecer nas terras do pai está diretamente ligada a sua relação com Rosa. É corajoso e se deixa matar para poupar a jovem que ama. Seu maior desejo é a liberdade.

Os capangas:

Gavião, Martim, Caetano e Manuel

São os capangas encarregados da defesa das duas famílias inimigas. São homens comuns que estão na linha de frente da guerra: recebem para matar, correndo o risco de morrer. Conversam entre si, sem ódio ou rivalidades. Tudo que fazem é apenas cumprir uma ingrata tarefa. Caetano e Manuel dotados de certo humor, entoam cantigas denunciadoras de sua função, assim Manuel é também coveiro, além de ser um matador de encomenda.

O beato Cícero

É um homem profundamente devoto, que caminha sempre acompanhado de um cajado e de inúmeros rosários, símbolos de sua fé e religiosidade. Como ele próprio se define, é um homem de paz e religião. Sua presença na narrativa estabelece um contraponto à violência que domina a disputa entre as famílias, representando valores como a fé, a esperança e a busca pela conciliação em meio ao ciclo de ódio e vingança.

A família :

Donana

Donana é a avó de Rosa que tenta suprir a ausência da mãe desta, sua filha, cuja morte permanece uma incógnita. Ela reconhece a natureza impiedosa de Joaquim. Em sua percepção, um homem capaz de matar a própria esposa também seria capaz de tirar a vida da própria filha. Por isso, procura proteger Rosa da maneira que lhe é possível, tornando-se uma importante figura de acolhimento em meio à violência que atravessa a família.

Inocência

Inocência é casada com Antônio Rodrigues, mãe de Francisco. Irmã de Joaquim, é também tia de Rosa, ocupa uma posição delicada em meio ao conflito entre as duas famílias. Ela sofre profundamente a ausência do filho. Entre os personagens da peça, é uma das poucas que enfrenta Joaquim, insistindo para que a guerra chegue ao fim e para que o conflito entre as famílias seja encerrado.

Os retirantes:

Inácio, Joana e Neco

Inácio é um retirante que chega pela estrada com sua família, em busca de alimento, e trabalho, tendo seu filho, Neco, morto por Joaquim. Ao partir jura vingança, retornando em um momento decisivo da história., compactua com Antônio e Rosa vingando-se do tirano Joaquim, matando-o. Joana , a esposa de Inácio e mãe de Neco, embora sem uma grande participação na história, evidencia a condição de vulnerabilidade das famílias que atravessam o sertão em busca de sobrevivência. Neco, o menino morto friamente por Joaquim, queria apenas servir-se do mel em uma árvore.

Uma recriação cênica

Estar em cena no Trabalho de Conclusão de Curso era importante para marcar o final de uma jornada. Com o firme desejo de registrar o final de um ciclo no qual aprendi muito sobre a arte do teatro e onde reafirmei minha vontade de continuar e desenvolver minha vocação artística, decidi materializar meu estudo em cena. Queria que aquele momento se transformasse na certeza de uma escolha que se anunciava definitiva em meu caminho: o teatro.

Antes de encontrar-me com *Uma Mulher Vestida de Sol*, eu possuía um especial interesse por histórias trágicas e densas. Pensei em transpor o clássico de Romeu e Julieta para o sertão nordestino. Havia lido *A Emparedada da Rua Nova*, e, ambas histórias tratam de um amor proibido, interrompido em sua trajetória. A obra *A Emparedada da Rua Nova*, um livro mítico da literatura naturalista pernambucana, me fascinara. Ela conta a história de uma jovem pertencente à burguesia pernambucana que, engravidada pelo namorado, foi emparedada viva em seu próprio quarto, em nome da honra familiar, a mando de seu pai, o abastado comerciante Jaime Favais. O fato teria acontecido em um sobrado na Rua Nova, em Recife. A obra foi escrita em folhetim no *Jornal Pequeno* entre 1909 e 1912 e, posteriormente transformada em livro. O que há de popular e mítico no imaginário recifense me chamou a atenção. Estava na minha segunda ida a Recife quando li o livro. Conversei com uma prima da minha mãe, curiosa para saber mais sobre a lenda. Ela me afirmou já ter ouvido falar da história. Acrescentou que há relatos, ainda hoje, de pessoas que passam ao lado do casarão à noite, onde supostamente a jovem foi emparedada, e ouvem os gritos de uma mulher que pede por socorro, barulhos de cadeado sendo arrastados pelo chão e fortes pisadas.

A história, na verdade, parece tratar-se de uma lenda. Não há comprovações reais de que uma moça foi emparedada viva na Rua Nova. O jornalista e escritor Roberto Beltrão, curador de - *O Recife assombrado* -, criado em 2000 para preservar e divulgar narrativas do imaginário popular recifense, confirma em uma entrevista no podcast *Lendas e Causos de Pernambuco TV* que emparedamentos ocorriam em Recife. O Instituto Arqueológico de Pernambuco, em inúmeras vezes, foi convocado para realizar estudos de prédios antigos, muitos tombados pelo Patrimônio Histórico e, ao quebrarem as paredes, encontraram ossadas humanas.

A história me tocava profundamente. Uma lenda que percorria o imaginário de um povo, acompanhada de cenas em que aparecem costumes, festividades, casamentos, a condição feminina, a marginalidade e outros aspectos importantes da cultura local, não é trivial e motivo de interesse.

Meu gosto pelo trágico acentuou-se, acrescentado pelos elementos de um popular nordestino e com a ideia inicial de, mesmo que fosse pela memória, investigar o meu eixo familiar, cuja cultura pernambucana sempre esteve presente em minha criação. A ocasião, ofereceu-me um terreno fértil para a investigação, acerca dessa cultura. A obra *A influência do Teatro Medieval e Vicentino na obra de Ariano Suassuna*, de Irley Machado, indicou-me por onde iniciar a pesquisa. No capítulo *A Morte Libertadora* encontrei o título, que logo me chamou a atenção *Uma Mulher Vestida de Sol*. A narrativa gira em torno do sertão e da religiosidade, aspectos importantes para a formação da cultura popular nordestina.

Para a construção da cena, dividi o trabalho em etapas. O estudo da obra e a decupagem dela, mantendo os acontecimentos importantes do enredo e compactando-os para que coubessem em uma cena de trabalho de conclusão de curso, na qual esatria sozinha. Após o recorte do texto original, preocupada em manter início, meio e fim, comecei a re-escrita da dramaturgia e optei por colocar uma narradora em cena.

Em minha adaptação a narradora tinha o papel de contar a história, funcionando como fio condutor do espetáculo. A cena deveria conter os meus atravessamentos enquanto mulher e criadora da cena. Dividi-me então entre personagem-narradora e outros personagens femininos com mais evidência: como Rosa e sua mãe, que não tem falas, pois é apenas mencionada.

O fato de eu ser mulher me aproximava do universo feminino da obra, - mais precisamente de Rosa e da história de sua mãe. Em minha recriação dei a mãe de Rosa o nome de Mulher como personagem. Personagem que simbolizaria a renovação e a purificação depois de uma tempestade de acontecimentos trágicos, como a sua morte.

A personagem no texto original é apenas citada e sua história é contada pelos outros personagens. Hoje, temos uma lei que caracteriza essas mortes como feminicídio, mortes movidas pela “paixão”, que antes era visto como crime passionai, deixando o assassino impune. Ao pensar neste aspecto percebi que me incomodava o fato de imaginar que o crime da mãe de Rosa ficara impune.

Não quero atribuir valores políticos a obra de Suassuna, porque acredito que ela fala por si própria, dentro de todo o universo que denuncia. Mas achei importante dar voz a uma personagem que na obra original é apenas a sombra do homem que tirou sua vida. Colocá-la dentro da história fazia parte dos meus atravessamentos enquanto mulher. Então, transferi as falas que pertenciam ao Juiz e ao Delegado logo no começo da peça para a personagem Mulher. Em meu texto ela começa a história contando sobre a guerra dos homens e sobre a lei estabelecida, leis feitas pelos homens, seus representantes, e pelos homens da terra.

Comecei esse trabalho chamando de desmontagem. Intitulá-lo dessa forma faria jus ao que eu estava construindo, um elo entre narrador e personagem. A ideia de desmontagem surgiu naturalmente, quase de forma inconsciente. Inserir-me na obra no papel da narradora, emitindo opinião sobre os fatos acontecidos na história e adicionando outros textos, me fazia perguntar se seria uma desmontagem ou uma renovação da obra. Talvez o papel da narradora apareça na representação do contemporâneo dentro do popular, como quem assiste a uma cena de fora, preservando o que há de popular e a teatralidade. Atualizar o clássico de Suassuna sob a ótica de um olhar feminino sobre a obra e transpor para a cena tornava-se um desafio.

O termo desmontagem pode marcar uma categoria específica dentro da produção teatral. Não me interessa definir esse trabalho, mas sim descobrir com ele, o seu real formato. O que sempre me interessou nessa montagem foi me aproximar cada vez mais daquilo que toca a memória: o encontro entre eu e minha família.

Para o processo ficar mais consistente criei um diário de bordo, co o objetivo de colocar nele tudo o que viesse à mente: inspirações, anotações da peça e a rotina dos ensaios.

A recriação do texto dramático ou uma nova dramaturgia

A construção dramaturgica era um processo essencial para a criação da cena. O que justifico pelo meu gosto da escrita e pelo interesse em estar em cena, servindo-me da peça que eu tinha em mãos. Eu precisaria adaptar a obra para que coubesse em um trabalho solo e, em um trabalho de conclusão de curso. A cena não deveria ficar muito longa. O primeiro passo foi o estudo da obra, para conhecer a peça, e descobrir se, de fato, seria algo que me interessasse montar. A segunda leitura foi dedicada a decupagem da história. Eu a dividi em várias partes, considerando os acontecimentos que permeavam os atos e eram retomados na narrativa. Como por exemplo, a morte do personagem Neco, o menino morto por Joaquim, cujo pai jura vingança.

Feita a decupagem, me deparei com os principais eixos que fazem parte da narrativa: a disputa de terras e o amor de Rosa e Francisco. Escolhi os principais acontecimentos e iniciei meu texto dramático. Desde o início queria que a minha adaptação da história tivesse uma narradora. O texto escrito tinham o papel de guiar o espectador e também de emitir opinião. Veja-se por exemplo, minha escrita:

Narradora – Antes de tudo, preciso contar a vocês; A casa de Joaquim Maranhão é marcada por uma morte. Um homem – fez correr pelas paredes o sangue de sua mulher. A princípio, vermelho, depois escuro, como manchas do tempo. A casa ficou com um ar de abandono, parece até um cemitério coberto de urtigas. Mas eu acho melhor deixar a morta onde está, porque se tem uma coisa que Joaquim Maranhão não gosta é de ouvir falar nessa história. E eu é que não sou besta de desafiar a autoridade do homem.

A prudência, meus caros, é a rainha das virtudes.

Já que é pra mudar de assunto, vou falar de Rosa – filha de Joaquim. Rosa é daquelas mulheres que viram a cabeça dos homens do avesso. Só que nem todo homem é pro bico dela. Não é por desdém não, é que o coração dela já tem dono: Francisco. E aí que mora a tragédia. Porque Francisco é filho de Antônio Rodrigues, o inimigo jurado de Joaquim. Uns dizem que Francisco entrou pro cangaço, outros juram que a polícia o matou numa estrada da Espinharia. Mas para Rosa, Francisco está vivo seja em carne e osso, seja na memória. A verdade é que esse amor não conhece cerca, nem ódio, nem inveja – nem mesmo a morte. E se houver morte, será a deles. Juntos, como Romeu e Julieta... Só que no sertão, com punhal, bala e promessa.

A partir daí, fui dividindo o texto entre falas de personagens e narração. Em determinado momento, percebi que não caberia mais o elo entre personagem e narradora, quando Francisco chega na história no segundo ato, na obra original. Também observei que a

narração ocupava bastante espaço e de certa forma o aspecto popular da história original foi-se perdendo. Então, tive a ideia de escrever um cordel que resumisse os fatos da história a partir da chegada de Francisco contando sua breve história de amor com Rosa.

Quando avistou Rosa,
Sua valentia tomou chão.
Sentiu o sol lhe arrudiando (cegando),
Como se dançasse em sua visão,
Esse sol que mesmo ardendo
Lhe fez voltar pro sertão
Com doçura no rosto
Perguntava em aflição:
Porque tanta dureza
Se só trago o coração?
Sem notar que a cobra de ferro
Cochila aos pés de Rosa
Olho atento
Como serpente silenciosa
Pra que nenhum estradeiro
Com fama de cangaceiro,
Ofereça falso cordel
Querendo ser verdadeiro.

A escrita do cordel foi feita sem seguir a métrica correta exigida. Parti do próprio texto, das falas dos personagens para que cada frase ou palavra rimasse uma com a outra. Usando as imagens de Gavião quando este chama Joaquim de cobra de ferro ou quando Francisco diz ter sentido vertigem ao avistar Rosa, como se o sol dançasse em sua visão. *A mulher vestida de sol* que ofusca a visão de Francisco. Veja-se o texto de Suassuna:

Francisco : Não recebi nada, estou chegando por acaso! Mas esperem: quem é aquela?

Gavião : Ah, aquela é a filha do dono da cobra de ferro que matou o rapaz!

Francisco: Rosa!

Manuel : É Rosa, sim. Você ainda se lembrava dela?

Francisco : Não como ela está agora! Ah, meu Deus , foi como se eu tivesse tido uma vertigem, parecia o sol dançando em minha vista! Ela parece uma garrota vermelha, uma égua castanha com as crinas balançando! ()

Na primeira tentativa de escrita do Cordel observei que as frases eram muito longas. Minhas referências sobre o Cordel revelavam uma escrita mais dinâmica, obedecendo a

musicalidade e a métrica. Assim, debrucei-me sobre a escrita de um novo texto de cordel.

As principais partes de um cordel são:

Verso: Linha ou frase de uma estrofe.

Estrofe: Conjunto de versos.

Oração: História ou o enredo do texto.

Métrica: Mesma quantidade de sílabas poéticas em cada verso.

Rima Consoante, exemplos: Chão, visão, sertão.

Na primeira vez, escrevi, intuitivamente, sentindo que não obtinha o ritmo que o Cordel popular exigia.

Reconheço que o cordel não tem todas as características necessárias, mas o que me interessava era acrescentar o popular, de alguma forma, na construção da narrativa dentro da minha realidade. A banda musical “Cordel do Fogo Encantado” de Arcoverde, Sertão de Pernambuco, inspirou-me na criação de meu Cordel. A banda surgiu como um grupo cênico-musical, compartilhando o teatro e a poesia oral e escrita dos cantores e ritmos afro-indígenas da região. E, dessa mistura, nasceu o espetáculo: “Cordel do Fogo Encantado”. Esse grupo me trouxe outras referências de como construir um cordel, nesse caso, no âmbito musical. Onde há uma mistura do popular e contemporâneo, que foge, a métrica do cordel popular nordestino. Ao final da cena *Uma Mulher Vestida de Sol*, dentro da minha adaptação, adicionei um poema que pertence ao poeta Zé da Luz (Severino de Andrade Silva) considerado um dos maiores expoentes da literatura de cordel. O poema em questão se chama “Ai Se Sêsse” que atribuí a fala da personagem Rosa. O poema fala sobre amor e morte se encaixa perfeitamente ao drama de Rosa, que ao ver Francisco morto, apunhala-se. No contexto não existe outra saída para o seu amor, amor tão grande que atravessa o tempo e espaço. Na versão da banda, quem declama o poema é o vocal Lira, quando o ouvi, lembrei de Rosa. Adicionar o poema enfatizava o popular e a teatralidade que eu procurava dentro do universo que estava construindo.

Meu processo de escrita e construção de cena são intrínsecos. Por meio da palavra escrita ou lida é que imagino e recrio a cena. Ao fazer a cena quero alcançar o texto e às vezes lembro de um poema, ou sinto falta de algo. Portanto, não queria isolar os dois elementos: a escrita e a cena são os eixos do meu trabalho. A mistura de um texto clássico, uma narração, um texto contemporâneo, e a música fazem seu papel dramático.

Inseri por exemplo “Veneno” fragmento da peça Gota D’água de Chico Buarque e o ofereci a personagem Mulher. Ao fazer isso dei a ela a oportunidade de contar a sua versão dos

fatos, do dia em que foi morta. “E a casa ficou assim, com as paredes marcadas de sangue, a princípio vermelho depois escuro como manchas do tempo. Na natureza encadeado em movimento. Cuspe, veneno, tristeza, carne, moinho lamento, ódio, sangue, frieza. Isso tudo está no centro de uma mesma estranha mesa, separada por uma cerca. Misture cada elemento, o suco dos sentimentos produz novos condimentos. Lágrimas, pus, suor. Inverta o segmento, inensifique a mistura, mexa tudo por dentro, chore, envenene. Você terá um unguento, a essência do meu tormento de paladar violento que, engolindo, a criatura Joaquim repara no meu sofrimento, com a morte lenta e segura... Marcadas por duas manchas vermelhas na altura do meu ventre. Eles pensam que a maré vai mas nunca volta, até agora eles estavam comandando meu destino e eu fui, fui, fui recoando, recolhendo fúrias, hoje sou onda solta tão forte quanto eles me imaginam fraca, quando eles virem invertida a correnteza, quero ver se eles resistem a surpresa e quero saber como eles reagem a ressaca.” Essa fala que descreve as paredes da casa de Joaquim Maranhão pertence a um dos capangas. Ao transferir essa fala para a personagem Mulher – narradora - cria-se uma atmosfera que dá distintas margens de abertura para o texto, interrogando como seria essa história se ela fosse contada sob a ótica da mãe de Rosa. O fragmento de Gota D’água é condizente a história.

Além de assumir o papel de narradora decidi encenar os personagens, o que me possibilitou uma construção interessante da narrativa. Se tratando de atuação, eu queria que ficasse marcada uma distinção quando represento os personagens homens. Quando eu me divido entre a narradora e as personagens femininas preferi uma certa fluidez quase imperceptível. Meu objetivo era que o público se perguntasse quem é quem. Queria criar a percepção de que eu sou atravessada por essas personagens, sendo elas como parte de mim e eu como parte delas.

Meus questionamentos foram sempre registrados em meu diário.

MEU DIÁRIO

17/11/2025

Buscando respostas para minhas perguntas sobre este trabalho, comecei chamando-o de desmontagem. A escolha dessa nomenclatura se deu de forma inconsciente. Mas, naquele momento eu parecia já ter respostas em relação às minhas dúvidas sobre a montagem. No processo prático-teórico em que me encontro, percebo que não sei ao certo o motivo pelo qual escolhi pensar em desmontagem para a cena.

Não tenho interesse em colocar em cena o meu processo criativo, mas sim toda a sombra que carrego quando penso no que motivou esta pesquisa: o lugar de onde veio a minha família e como as memórias e as sombras da minha ancestralidade estão atreladas à pessoa que sou

hoje, graças às pessoas que vieram antes de mim e que me cuidaram.

A recriação se deu, primeiramente, a partir de um recorte na obra original, acrescentando o papel de narradora —personagem que criará um elo entre quem conduz a história e eu, Júlia, ao me colocar na narrativa preservando minha própria criação dramática. Como exemplo, cito o cordel: A partir dos próprios acontecimentos do enredo, criei o cordel, apresentado no final da história, sem seguir exatamente a métrica tradicional, preocupando-me mais em desenvolver um estilo próprio, partindo das minhas inspirações enquanto lia a obra original.

21/03/2026

Nessa montagem, o feminino está muito presente. No início, trabalhar a peça sob a ótica feminina, não era a minha ideia, mas, sem perceber, o feminino foi tomando conta de tudo. A começar pela escolha da direção, Maria Eugênia Rocha (Maeu Rocha) atriz, produtora e formada no curso de Teatro da UFU – Universidade Federal de Uberlândia. A voz off que aparece no começo da cena “E viu-se um grande sinal no céu...” Pertence a Gabriele Vasconcelos Cunha, pernambucana, professora, minha tia e mãe de Raquel Vasconcelos Cunha, que faz a segunda voz, uma menina que virá a ser mulher.

Pensando sob a construção pela ótica feminina dentro do universo da peça, percebi que ela partiria das personagens Rosa e de sua mãe, como narradoras.

A peça traz muito presente a figura dos homens: são eles que ditam as leis que ‘garantem’ a ordem social – na figura do Juiz e Delegado e nos acordos feitos pelos donos da terra, Joaquim e Antônio. Também são os homens que garantem a segurança da terra, na figura dos capangas. Lembrando a fala do Juiz “ Fome, pobreza, vingança, a morte, a fadiga – tudo que é elementar no homem está presente nesta terra perdida” (). Será a terra que traz a miséria, ou a miséria é a dos homens que vivem nela?

23/03/2026

Por que escolhi estar em cena sozinha?

O que as mulheres para mim representam na obra?

Qual a ligação possível entre as mulheres da história e eu?

As três perguntas ficaram no meu caderno. De vez em quando o caderno assoviava para mim. Eu lia as três perguntas que continuavam sem resposta, mas acreditando que as encontraria dentro da cena. Tempos depois, fiz um ensaio aberto para os mais íntimos. Na conversa

popsterior encontrei, algumas das respostas a essas perguntas.

28/05/2026 (do meu diário de trabalho)

Retomando a pergunta que me fiz há alguns meses atrás. Qual minha a possível ligação com as personagens?

Mulher - Mãe de Rosa: Essa personagem é a mãe de Rosa. Ela é quem dá início a história “Aqui é o sertão, um tabuleiro de serra do sertão...” Quis transmitir ao público a personagem da mãe de Rosa que é apenas citada na história, permitindo-lhe representar a própria figura da morte, talvez uma entidade, uma aparição. Ela aparecerá outras vezes?

Narradora/Atriz- Fio condutor do espetáculo e que emite opinião: A narradora se distancia da história e emite opinião sobre a história, além de confessar para o público, o que a move e onde ela está. Vejo a narradora criando distanciamento sobre a história, enquanto a atriz se contamina com o que está acontecendo, talvez exista uma diferença, mas também há fusão entre as duas, sendo elas uma coisa só, porém diferentes.

Rosa: Rosa, uma menina que não conheceu sua mãe e que sofre as rígidas regras de seu impiedoso pai. Vive presa sob às condições ditatoriais e precárias de um lugar, e não vê saída para o sofrimento em que vive: a miséria espiritual e a falta de amor. Rosa, vê em Francisco uma saída, uma fuga para o seu sofrimento: ele representa aquilo que poderá salvá-la da falta de fé e amor. Rosa é a personagem principal, ao contrário das outras personagens femininas, que apenas ficam em segundo. É ela quem sofre a trama e alavanca a fúria e a guerra dos homens. Não será apenas a terra a causa da tragédia, mas a rebeldia de Rosa aos olhos de Joaquim, que se sente traído pela filha. Rosa é a que vê, sente e a que sofrerá as consequências por querer amar e ser livre.

Assim, tento responder a pergunta que fiz a mim mesmo meses atrás.

Quais as semelhanças existentes entre personagens e atriz? A Narradora cumpre um papel. Serve-se da razão. A Atriz também cumpre um papel mas deixa-se conduzir pela emoção. A construção que procuro deve favorecer a união entre os papéis narradora/atriz deve ser uma construção intrínseca. A **Mulher**, mãe de **Rosa** sofreu a violência de um homem cruel. Ao ser recolocada em cena no papel de Mulher Narradora recupera e suas características aproximando-se do papel da atriz.

Atriz é movida pela emoção, a magia, ela é quem dá lugar ao mítico pertencente ao teatro. Ela acredita em tudo o que cria - o teatro, onde é possível viver a fantasia, o irreal

tornando-se mais real do que o que existe. **Rosa**, movida pela esperança tem bravura dentro de si ao enfrentar a desumanidade do pai e a morte. A **atriz e Rosa** criam seu próprio mundo ideal e vivem neles. Nesse mundo existe a busca incessante pelo amor, porém, o caminho das duas se dá por formas distintas: **Rosa** colhe as consequências de viver um amor proibido e que o seu único destino será a morte. A **atriz** permanece numa busca persistente pela realização afetiva, humana e artística. Essa busca se dá pelo sentimento de forma intuitiva, mas cheia de idas e vindas. A **atriz** cria seu próprio caminho - a estrada. Nesse contexto a estrada é o teatro, ela que enxerga a história e se deixa afetar por ela e a escolhe encenar criando o ritual do teatro, esse que é capaz de resgatá-la de qualquer possível perda.

As outras perguntas feitas, às vezes ainda assobiam no caderno, me chamando para que eu as olhe e as responda. A mais difícil, é a do porquê estar em cena sozinha. Acredito que para essa pergunta a resposta estará quando a cena for apresentada e finalizada.

A Carranca

A ideia de levar uma carranca para a cena surgiu de uma memória afetiva. Em uma das casas onde morei com minha mãe e meu irmão, havia uma carranca como parte da decoração. Lembro-me de observar aquela figura e achar sua aparência curiosa: ao mesmo tempo assustadora e fascinante, como uma mistura entre cão e diabo. Com o passar do tempo perdi o paradeiro daquela carranca.

Durante o processo do resgate de minhas memórias e a descoberta de como elas se entrelaçam às referências culturais trazidas pela minha família, lembrei-me dessa figura e decidi incorporá-la à cena. A escolha surgiu pelo desejo de aproximar minha história familiar da criação artística e de tentar entender por que esse objeto permaneceu tão vivo em minha lembrança. A carranca tinha um significado especial por ter pertencido à minha avó. Assim, tornava-se um elo entre o passado, a memória e a cena. Para materializar a lembrança, decidi construir minha própria carranca, embora, naquele momento, ainda não soubesse como fazê-lo.

Minha primeira ideia foi confeccioná-la utilizando argila e papelão. No entanto, durante uma pesquisa na internet, encontrei o universo do papel machê. Diferentes tutoriais me indicaram um método que utilizava papel higiênico, cola branca e água.

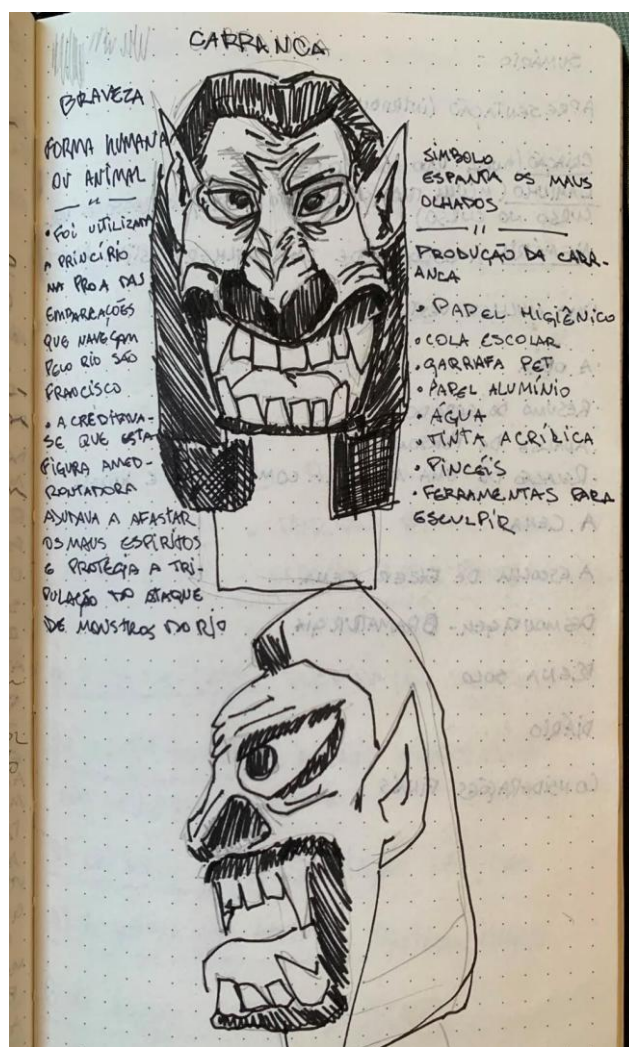
Comprei os materiais e iniciei o processo. Optei pelo papel higiênico por ser mais fino e se desfazer com maior facilidade na água, o que agilizaria o trabalho. Desfiz quatro rolos de papel higiênico em uma bacia com água e os deixei de molho por aproximadamente uma hora. Em seguida, retirei o excesso de água, até o papel ficar apenas úmido.

Com o papel praticamente seco coloquei pequenas porções no liquidificador, repetindo o processo até obter uma textura semelhante a um farelo. Após misturei o papel triturado com cola branca e sovei a massa, como se preparasse uma massa de pão. Aos poucos, ela adquiriu uma consistência maleável, muito próxima à argila. Apesar de considerar a mistura um pouco úmida, por ser minha primeira experiência com a técnica, considerei o resultado satisfatório. Foi então que cheguei à etapa de que mais gostei em todo o processo: esculpir e modelar a carranca.

Como estrutura, utilizei uma garrafa pet de um litro, preenchida com pedras para dar peso e estabilidade. A partir dela, construí a base da escultura com papelão e papel alumínio, preenchendo os espaços vazios, modelando as orelhas, os olhos, o nariz e a boca.

Para facilitar a aderência do papel machê à garrafa, revesti a estrutura com o papelão dos rolos de papel higiênico, desfeitos em camadas finas e mergulhados em uma mistura de cola branca e água, cobrindo toda a superfície. Após essa etapa apliquei a primeira camada de papel machê, criando uma base firme para receber as camadas seguintes e, permitindo que a carranca adquirisse sua forma definitiva.

Esboço inicial:

















Considerações Finais

A presente pesquisa, que teve como objetivo o estudo da obra *Uma Mulher Vestida de Sol*, de Ariano Suassuna, contemplando seus elementos dramáticos, bem como a construção de uma cena e a consequente adaptação dramaturgica.

O estudo da obra me possibilitou conhecer o universo de referências que fundamenta a escrita de Suassuna, como o teatro medieval e os autores que o influenciaram na construção de suas narrativas, peças e poemas. Entre eles, destaca-se o dramaturgo espanhol Federico García Lorca, cuja obra e seu teatro de La Barraca serviu de inspiração ao autor paraibano para a escrita da obra de Suassuna.

O processo de adaptação da dramaturgia conduziu-me à construção de uma narrativa sob uma perspectiva feminina, à medida que reconheci que, na obra original, os personagens masculinos ocupavam um lugar de maior protagonismo, enquanto os personagens femininos permaneciam, em grande parte, em segundo plano. A partir dessa perspectiva pude inserir textos autorais e refletir sobre meus próprios atravessamentos, enquanto mulher e atriz.

Essa escolha ampliou o alcance do presente Trabalho de Conclusão de Curso, ao propor uma recriação da dramaturgia, preservou-se a essência da obra original e, ao mesmo tempo, exercitou-se a escrita criativa. No âmbito da encenação, essa proposta se concretizou por meio da construção de uma personagem que não aparece em cena na obra original, sendo apenas mencionada, mas que, nesta adaptação, passou a ocupar um lugar central na narrativa.

O presente trabalho evidenciou a possibilidade de renovação dos clássicos sem perder sua essência, demonstrando que essas obras podem ser revisitadas sob diferentes perspectivas, ampliando seus sentidos e possibilitando novos olhares, inclusive críticos, sobre questões que perpassam seus enredos. No trabalho de pesquisa e recriação dramaturgica, buscou-se preservar o caráter popular da dramaturgia de Ariano Suassuna, compreendendo, ao mesmo tempo, que toda obra se transforma e se renova a cada nova leitura, adaptação e montagem.

O que fortalece e enfatiza a necessidade de conhecermos os clássicos e nos apoiarmos neles para possíveis recriações é o fato do homem ser universal e as questões ligadas a sua humanidade ou falta dela, permanecem eternamente vivas. Suassuna ao escrever sua tragédia usou uma realidade do sertão que ainda hoje encontramos mesmo se negadas ou estrategicamente diluídas. Mas o comportamento humano, a ganância, a falta de escrúpulos fazem parte deste homem universal e está presente nesse universo capitalista e consumista em que parece que a morte não existe.

Referências

DIÉGUEZ, Ileana; LEAL, Mara (org.). *Desmontagens: processos de pesquisa e criação nas artes da cena*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.

MACHADO, Irley. *A influência do Teatro Medieval e Vicentino na obra de Ariano Suassuna*. Uberlândia: SUBSOLO, 2023. 244p.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Adaptação e apresentação de Isabel de Lorenzo. Supervisão de Francisco Achcar. São Paulo: Objetivo, [s.d.].

SUASSUNA, Ariano. *Uma mulher vestida de sol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SUASSUNA, Ariano. *Suassuna contando sobre o Romance de Minervina*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-brNtJhrJ0>.

VILELA, Carneiro. *A emparedada da Rua Nova*. Recife: CEPE, 2013.

Ai Se Sêsse. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JWqdPH5g9yQ>.

Como escrever um cordel. Projeto Cordel. Disponível em: <https://projetcordel.com.br/como-escrever-um-cordel.php>.

Como se faz um cordel: o passo a passo que ninguém te conta. Cenário Tocantins. Disponível em: <https://cenariotocantins.com.br/como-se-faz-um-cordel/>.

Cordel do Fogo Encantado. Site oficial. Disponível em: <https://www.cordeldofogoencantado.com.br/>

GONZAGA, Luiz. *Louvado seja vosso Senhor Jesus Cristo*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LyboUoD3Qhg>.

